

A CONSISTÊNCIA
DO VERBO

OBRA DO AUTOR

Trança de Passamanes, Editora Grafos, 1993.

A Miragem e os Argos, Editora Movimento, 2003.

Estação Hipnose, Editora Alcance, 2010.

Sonetos de Nuance Livre, Editora Alcance, 2011.

A Textura das Nascentes, Editora Alcance, 2013.


A Semântica da Pétala, Editora Alcance, 2015.

A consistência do verbo, Editora Movimento, 2019.

A Sudoeste do Sul, Editora Movimento, 2019.

Ricardo Almeida

A CONSISTÊNCIA
DO VERBO

 MOVIMENTO
| 50 ANOS |

Capa
Editora Movimento

Diagramação
Cristiane Rosa

Revisão
Peter Pellens

CATALOGAÇÃO NA FONTE
DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

A447c Almeida, Ricardo.
A consistência do verbo: A Sudoeste do Sul. / Ricardo Almeida. –
Porto Alegre : Movimento, 2019.
88 p.: 14 x 21 cm; (Coleção PoesiaSul, v. 129).

ISBN: 978-85-7195-290-4

1. Literatura sul-rio-grandense : poesia. 2. Poesia Sul-rio-grandense. I. Título.

CDU: 821.134.3(816.5)-1

2019
Editora Movimento
Rua Banco Inglês, 242
Morro Santa Teresa
90840-600 - Porto Alegre - RS - Brasil
Tel. (51) 3232-0071
Fax (51) 3211-4723
www.editoramovimento.com.br
editoramovimento@editoramovimento.com.br

Para

Cláudia,
Eleonora,
Paola,
Ágata.

SUMÁRIO

A CONSISTÊNCIA DO VERBO

A NUVEM / 9
A LUA DE DENTRO / 10
O PÁSSARO CANORO / 11
NA FRONTEIRA / 12
NOITES DA FRONTEIRA / 13
PRIMEIRO AMOR / 14
MENSAGEM / 15
VISÃO / 16
FOLHA EM BRANCO / 17
O SILÊNCIO / 18
POEMA NOTURNO / 19
A NOITE / 20
REFLEXÃO / 21
EXPECTATIVA / 22
CÉU / 23
OS COQUEIROS / 24
GUARDA DO EMBAÚ / 25
DUAS SEREIAS / 26
BOMBINHAS / 27
ÁGATA / 28
PARADIGMA / 29
RIMAS AO TEMPO / 30
AUSÊNCIA DE ANITA / 31
ALTAR DA FLORESTA / 32
PROMESSA / 33
AMANDA / 34
ADVENTO DA PAIXÃO / 35
PLENILÚNIO / 36
CARPE DIEM II / 37
VISITANTE / 38
A MUSA DO TRANSE / 39
MULHER / 40
A FEIRA DO LIVRO NA PRAÇA / 41
O NAVEGADOR / 42
ANTES E DEPOIS / 44
EM CADA LUGAR / 45
FOTOGRAFIA / 46
DE UM AMOR FIEL / 47
ADEUS / 48

SUMÁRIO

POEMA ÀQUELA QUE CONHECEREI / 49
MINA / 50
RESILIENTE / 51
ABRAÇO / 52
DIA DA PAIXÃO / 53
RESTRICÇÃO SOMÁTICA / 54
EPÍLOGO / 55
TODOS OS INSTANTES / 56

A SUDOESTE DO SUL

SANT'ANA, MINHA PAIXÃO / 58
CERRO DO CAQUEIRO / 59
CERRO DO MARCO / 60
ÍCONES DO PARQUE / 61
LARGO HUGOLINO ANDRADE / 62
LINHA DIVISÓRIA / 63
RUA DOS ANDRADAS / 64
SARANDI / 65
A PEDRA DE BALIZA / 66
QUERIDA PRAÇA / 67
PARALELOS E MERIDIANOS / 68
RELATÓRIO DA FRONTEIRA / 69
CLUBE CAMPESTRE / 70
CLUBE COMERCIAL / 71
A ELEITA / 72
OLHOS VERDES / 73
PARAÍSO BASTANTE / 74
PRINCESA DAS BORDAS DA CIDADE / 75
TEMPO DE VENDAVAIS / 76
ESTRELAS VERDES / 77
NOME DE ESPANHOLA / 78
TRÊS DIAS / 79
A MEU VIOLÃO / 80
ANO-NOVO / 81
CÁLIDAS NOITES / 82
JUNTO À DANÇA VÁRIA DO FOGO / 83
ENTARDECER / 84
ESTÉTICA LIGEIRA / 85
O MENINO E A PANDORGA / 86
VISÃO A SUDOESTE / 87

A NUVEM

Qual a nuvem
Que na Pré-história estampou meu rosto?

Qual a nuvem
Que no Paleolítico dançou balé?

Ah, se houvesse a memória
Dos desenhos do que existiu!

Ah, se houvesse algo capaz
De segurar o halo do instante!

Onde estará o catálogo
Das paisagens que se fizeram?

Onde estará guardada
A imagem que já se foi?

Toda a vista que se fez no mundo
Está sedimentada em nossos olhos.

A LUA DE DENTRO

Paira sobre a cidade
Uma Lua branca e amarela
De circunferência dilatada.

Ela está assombrando
O vapor da estação
Com toda a sua beleza.

Contido num apartamento
Quase a vejo de relance
E um tanto a imagino.

Sei que ela está lá
E a perco em seu compasso.

Todos nós, confinados
Nos nichos da metrópole,
Perdemos o espetáculo.

As lâmpadas acesas
Sob os limites do teto
São emblemas lunares.

São a Lua de dentro.

Restritos à luz artificial,
Deixamos passar a Lua
E não a contemplamos,
Toldados à vista da magia.

O PÁSSARO CANORO

A melodia lhe aperta o coração
E vaza da garganta esplendorosa.

As notas desenhadas no ar
Transpassam o metal da gaiola.

Quanta sonhada verde mata!

Quanto azul de um galho a outro
É desejado em delírio
No espaço limitado e atroz!

Que triste confinamento
De tão lindo pássaro nascido
Para o voo livre aos horizontes!

Quem assiste a tão bela sinfonia
Perceberá que o canto é agonia?
Entenderá as claves da dor?

NA FRONTEIRA

Olhando a sudoeste do Sul

Vejo a Fronteira querida
De tanta história vivida
Na conjugação das cidades
Gêmeas que não se dividem.

O fogo já está no braseiro,
A parrilla assada se apronta,
A Pilsen gelada desponta
Na mesa fluente do bar.

Nas linhas da Sarandi,
Trocam-se olhares de busca,
Tudo é magia nas urbes
Das duas pátrias irmãs.

O corpo busca outro corpo,
Coração condiz coração,
A noite cintila desejos,
Tudo se consuma no amor.

NOITES DA FRONTEIRA

Arde a noite nas veias fronteiriças,
Há um brilho nas almas movediças
E os corpos querem se lançar por aí
Percorrendo as voltas da Avenida Sarandi.

As gurias, em pose exata, são imagem,
Os guris as contemplam de passagem
E logo a conversa se faz pulsante
Em prelúdio à jura de todo amante.

Música, bebidas, iguarias,
Na mesa do bar, a dialética das magias:
Dois idiomas que se fundem espontâneos,
Dois núcleos urbanos quase conterrâneos.

As boates dão sequência ao ritmo da noite,
Os espaços fronteiriços dão pernoite,
Embaladas na luz do movimento
Vibram Rivera e Livramento.

PRIMEIRO AMOR

Fomos um enlace de pureza juvenil,
Uma união de suaves inocências,
A cândida ternura do intercurso,
O desvendar natural do primeiro amor.

Gostavas de rosas cor de champagne,
Enviei-te amorosos buquês,
E foi para ti meu primeiro verso
Que até hoje guardas em relicário.

Deveríamos ter firmado aliança perpétua,
Mas não permitiu o fado
Que celebrássemos a continuação
E gerássemos no tempo mais frutos de nós.

Contudo algo prossegue a existir
No interior de nossa mútua mirada,
O zelo a suster e a vigência do carinho,
As centelhas contidas do querer.

Algo resta inacabado em seu período,
Sendo consistente substância sem convívio,
Feito rastro de reticências em percurso,
Mantendo velada uma saudade.

Hoje nos vemos a cada eternidade,
Mas peço uma música para a dança,
Vamos dançar ainda enamorados
Num palco só nosso à margem de tudo.

MENSAGEM

Querido filho que não tive:
O destino errou tua presença,
E a mulher eleita ainda te espera
No imaginário da história desejada.

Assim vagas difuso pelo Planeta,
E átomos dispersos que te formariam
Estão agora no oceano, em Londres ou na Amazônia
Como estrutura não montada daquilo que serias.

Dessa forma, a composição orgânica
E a conexão dos neurônios
Que te fariam conjunto unitário
São partículas espalhadas pelo mundo.

Estás diluído em todos os quadrantes,
E amo a Terra como teu ser eu amaria.

VISÃO

Eu vejo o mundo,
Eu vejo muita coisa,
Eu vejo tanta gente.

Eu miro o espaço,
Eu miro o tempo,
Eu miro os seres.

Mas minha visão
Que busca tua imagem
É feita de ilusão,
Apenas miragem.

FOLHA EM BRANCO

És uma folha em branco,
E a folha em branco é tua pele,
Ambas, virgindade.

O alvo papel
E o tecido do hímen
Aguardam na pureza

Que a escrita se faça com beleza.

O SILÊNCIO

Podes ouvir o discurso do silêncio?

O silêncio tem o seu verbo,
Suas razões e seus argumentos,
Pode ser bastante fluente,
Em seu vazio existe todo um dizer
Pronunciado pela voz interior,
Contendo motivo e sentimento.

Podes ouvir o discurso do silêncio?

Escuta o compasso silente,
Percebe o que a elipse revela,
O que está implícito na emissão calada,
Assim aprenderás o código da pausa.

O silêncio é uma forma de expressão.

Que entendas a lacuna das palavras!

POEMA NOTURNO

Depois do lazer da turma de amigos,
Cada um seguiu a sua direção,
E a noite veio enfim dormir
No berço aprazível do verão.

Nas ruas silenciosas
E levemente quentes,
Território de uma brisa noturna,
A deusa negra talvez saiba
Dos sonhos de cada um.

Noite amante dos sonâmbulos,
Vazia nas artérias citadinas,
Flui até o instante
Em que ninguém mais a vê.

Nós a ocupamos por um tempo
E a deixamos nua na solidão,
Ao sereno que atrai fantasmas.
Agora todos dormem o respectivo sonho,
E a noite quer habitar o silêncio.

A NOITE

A noite joga o naipe mais pesado,
E o corpo, que busca ser amado,
Lança pelos bares a intenção
De um ledó encontro de ocasião.

Na felicidade líquida bebida
E na filosofia crua desta vida,
Os casais se juntam ou separam,
Luzes de néon lhes desenharam.

A noite é um leque de possibilidades,
Abriga um rol de variedades,
Fluente mina do desejo e do matiz,
Incerta a quem procura ser feliz.

REFLEXÃO

A morte é anterior a nós – prelúdio vazio –
E estará à frente de nossa trajetória
Aguardando no vazio derradeiro.

Mas o hoje é sempre vigente
Enquanto a vida nos concede
A experiência e a delícia.

Quando começam a partir
Amigos e colegas de longa data,
A “inevitável” ergue parcialmente o negro véu.

A morte tem a alquimia do passado e do futuro,
Mas o presente é exclusivo da vida,
Claro tempo da existência à branca luz.

É essencial degustar o instante,
Convocar o repertório dos sentidos,
Buscar a sorte da felicidade e do prazer.

EXPECTATIVA

Abra seu amor para mim
Com seu jeito delicado assim,
Perca o senso com sensibilidade,
Destinemos carícia à felicidade.

Se em sigilo nos queremos
Para além da rotina que vemos,
Deixemos fluir o enlace
Inebriados então face a face.

A viagem e um novo cenário
Serão convite em relicário
Para que se revele um desejo
Que mesmo desconcertante é arpejo.

Abra seu amor para mim,
Lenitivo ao caos é o sim,
Minha solidão estará acompanhada
No calor de sua pele de fada.

CÉU

Ó beldade que surge aleatória,
Amante da viagem noturna,
O amor entre nós se dá
No enlace de sonho e realidade.

Vou balançar teu estrogênio,
Vou aprofundar teu paraíso,
Vou transpassar o ponto da deusa
Em tua flor de seda satisfeita.

Nas regiões sagradas do prazer,
Fustigarei teu céu mais elevado,
Até ondulares, no êxtase,
Teu ato realizado de mulher.

OS COQUEIROS

Praia de Daniela / SC

Franja de dois gumes,
Verde seta dos lumes,
É a palma que balança ao vento
E atrai natural pensamento.

Nos litorais do Brasil
Que emoldura o anil
Ergue da areia elegante
O coqueiral tão flamante.

Muitos coqueiros já dizem
Próximas ondas deslizem,
Pois já o mar está aqui,
Linha das águas já vi.

Símbolo da praia marinha,
Bordam a costa que vinha
E virá na sutil maresia,
É verão na Ilha da Magia.

GUARDA DO EMBAÚ

A verde trilha na mata
Tapete de pedra desata,
O Rio da Madre se vê
E pousa no mar a perder.

Os barcos que cruzam a veia
Levam à margem de areia
Que branca recebe as ondas
Do mar em bravas planondas.

A Guarda traduz natureza,
A barra transluz a beleza,
Nas ruas de tal simpatia,
Há gosto de orla e magia.

Fundamos a nossa estada
Nos dias de leda pousada,
Lembrança pra sempre a ficar,
Um tanto de nós a se dar.

DUAS SEREIAS

Praia de Atlântida

Atlântida e sua beleza,
Justo teor de princesa.
Deusas de grifes e tal
Surgem na praça central.

Rua contorno do mar,
Brisa ao sabor do andar
Pelo contexto da praia,
Noite ou dia que raia.

Casa do muro de vidro
E do jardim estendido,
Rede e abrigo de palha,
Certo verão que nos valha.

Água em quadros e veias,
Falam-se duas sereias,
Miro apostando certeza
De alguma noite acesa.

BOMBINHAS

Disseram-te hermosa na praia,
Não há perdão que me valha
Por não ter feito primeiro
Galante elogio por inteiro.

Bombinhas das amendoeiras,
Verdes imagens costeiras,
Árvores de terra salgada
Pontilham a vista azulada.

Vem-me lembranças de outrora
Do que vivi noite afora.
Na rua que termina no mar,
Amei uma ninfa ao luar.

Voltando ao sabor do instante,
À tua beleza elegante,
Declaro caprichos do mar
Teu corpo que sinto ao mirar.

ÁGATA

Pérola e conchas no colar
Que vêm a garota enfeitar,
Maresia na pele de verão,
Beldade em solar expressão.

Sob minha guarda cresceu,
De menina a moça se ergueu,
De botão converteu-se em flor,
Conheceu os signos do amor.

Amparo constante no tempo,
Mosaicos de cada momento,
Tenho acompanhado seus passos,
Devem ser tenazes os laços.

Floral de imagem delicada,
Melena de cascata dourada,
Tem um tesouro amiúde:
Ah! “O frescor da juventude”!

PARADIGMA

Praia de Capão Novo

Tens acerto em provocar,
Clara ferida ao jogar.
Anatomia calma da praia,
Onda de dor que se espraia.

Existe a distância do tempo,
Olhares fraturados no vento.
Existe a distância do elo,
No âmago, é um sonho belo.

O paradigma social ganha:
Eu perco, nada estranha.
O paradigma social perde:
Eu ganho, a sorte é verde.

Quando declinaste do mar,
Maresia não soube explicar,
Dúvida em vez de certeza,
Espinho na flor da beleza.

RIMAS AO TEMPO

É sempre nova a paixão,
Traz renovada emoção
Quando um dia se acende,
E novas cores transcende.

Um dito olhar é capaz
De revelar um audaz
Senso que é por inteiro
O desejar tão certo.

Qual uma ninfa exata,
Tua beleza arrebatada
Na precisão do contorno,
Sonho sinais de retorno.

Talvez se fosse possível
Tornar o tempo invisível,
Sem escoar pelos anos,
Sem fenecer nossos planos...

Todos os tons que vivi,
Teu brilho jovem aqui,
Quiçá pudessem rimar
Alguma história de amar.

É sempre nova a paixão,
Traz renovada emoção,
Mesmo se for improvável
Por ser o tempo implacável.

AUSÊNCIA DE ANITA

Para o filme “Presença de Anita”

Jovem, sensual e linda,
Ninfeta posta na berlinda,
Riso solto de mistério,
Nenhum pedido sério.

Princesa de mórbido sentido,
Pungência de sal vivido,
Perfeita em pouca veste,
Qual tua noção agreste?

Sedutora amante juvenil
Que da morte faz servil
O alvo do pronto desejo,
Suspiro o teu ser em arpejo.

Quisera eu que largasses
O impulso de lúgubres faces
E assim centrada na vida
Quisesses fluir ó querida.

Não é a tua presença
Toda a dor que me vença,
É tua ausência dorida,
Ver-te de mim tão perdida.

ALTAR DA FLORESTA

Na casa do altar da floresta,
Sigo, de mim, o que resta,
Pleno de luz essencial,
No caos da vida pessoal.

Como estandarte: o cansaço
Na hostil travessia que faço,
Das ilusões tão perdidas
Chegam-me crenças partidas.

A forma da esposa adorada,
Veneno da sina trilhada,
Faz-me sangrar o destino,
Fora do mundo confino.

Em meio à silvestre beleza,
Tento buscar a clareza,
E assim me venha salvar
Alguma esperança de andar.

É certo que a mágoa existe,
Meu ser contudo resiste,
Se perdi a humana certeza,
Ainda tenho a vital natureza.

PROMESSA

Teu ser do qual nada sei
Logo fará de mim um rei.
Nas linhas de uma cama vulgar,
Serás uma deusa a brilhar.

Teu corpo é um ícone perfeito,
Promessa de ledó proveito,
Pedes mediana recompensa
Por um tempo de nua presença.

Até ilusão podes dar
Tonta na simulação de amar,
Darás o mapa da pele
Que a hora marcada revele.

Mas chegarei pra ficar
Com algo de sentimento a doar,
Alguma carência não finda,
Importa é ver-te tão linda!

AMANDA

A lembrança de teus seios ideais,
Todos os teus ângulos fatais...
Predileta em néon vermelho...
Amamos refletidos no espelho.

Na matéria elástica do tempo,
Carregaste de prazer o momento
Que valeu segmentos de infinito
Na jornada do amor e seu rito.

Tinhas a configuração precisa,
Desnuda qual sacerdotisa:
Desígnios de uma crença carnal
A cada encontro eventual.

Vivendo mundos tão diferentes,
Um dia nos separamos reticentes...
Tua imagem jovial se mudou,
Confluência que se dissipou.

ADVENTO DA PAIXÃO

O advento da paixão,
Mesmo na incerteza
De ser correspondido,
É uma dor bonita.

Sem inclinação
Para o pranto e a prece,
Queimo a esperança
Neste vinho sentimental.

Ontem teve Superlua,
A noite estava quieta,
O mar ao longe soava,
O coração pedia.

Ainda que a perspectiva
De fazer amor
Torne-se volátil,
Ficarão os belos poemas.

PLENILÚNIO

A Lua branca, a Lua cheia,
Que minh'alma incendeia
Corre pelo pano do céu,
Tirando, das nuvens, o véu.

CARPE DIEM II

É preciso colher o dia,
Já que a vida é fugidia,
Colhendo a luz da arte e do amor
Na beleza e nos lábios da flor.

VISITANTE

Bela passageira,
Espero que venhas
Na carruagem da madrugada,
E então amanheceremos eternos.

A MUSA DO TRANSE

Posso apostar, no cassino do amor,
Que chegarás no teor da madrugada.

Passageira, quantos pecados
Cabem em teu corpo impecável?

Existem anjos no calor
Dando assistência a tal beleza?

Com tua nudez de corpo
Desnudas até meu estado de alma.

Pressinto teus olhos de prazer
Até que a alma se ponha na pele.

O conteúdo de foro íntimo
Dissolve-se em nossa intimidade.

Na carruagem da noite me visitas
E meu sonho sente a tua realidade.

MULHER

Divina mulher, tu és mais do que tudo.
Iluminas a substância do amor
E prossegues o teor da Humanidade.

Tuas linhas são o auge da forma.
És carícias e carinhos venturosos
Numa síntese de flores e de afetos.

És toda a extensão dos sentidos,
Toda uma tessitura de cuidados
E um sentido extra, sabendo captar.

Tens o encantamento da pétala
E sustentas a sublime beleza.
Linda, tu és a obra-prima da natureza!

A FEIRA DO LIVRO NA PRAÇA

Para a Feira do Livro de Porto Alegre

“Um País se faz com homens e livros”

Monteiro Lobato

Os jacarandás rebentam ícones em flor,
E árvores frondosas se tingem de amarelo:
Temos a mágica instalação da primavera.

Época de conjugar público e letras,
A forma cotidiana ganha forma de cultura,
A Feira do Livro vem ocupar a Praça.

É tempo de celebrar a literatura,
É tempo de viajar na arte da escrita,
É tempo de andar pelo tom das alamedas.

Os livros dão substância às páginas da vida,
As pessoas percorrem experiências,
O verbo no papel expande leituras.

Transita-se pelo argumento das palavras,
Pode-se abarcar as variantes do mundo,
Pessoas e livros constroem-se mutuamente.

O NAVEGADOR

Para os pacientes do Hospital Santa
Clara

Navegando pela cortina tempestuosa
Ou pela incerteza da trilha silenciosa,
Vagando pela névoa densa
Em dias de angústia propensa...
Lembra: não percas a tenacidade no percurso,
Desliza sobre as águas o teu curso.

Sempre há um ponto luminoso,
Um farol cintilando, um raio formoso
A renovar a confiança na trajetória,
É joia valiosa a tua história.

A bagagem que trazes do caminho
É capaz de converter distâncias em carinho
E marcar com o gesto amigo
A memória do que consta em teu abrigo.

Que venha desmedida a esperança
No olhar que a vontade alcança,
Há sempre um repertório de momentos
A lançar uma alegria aos ventos.

Mesmo que por vezes te sintas à deriva
És agente da rota exclamativa,
Podes tocar com tua vida outra vida,
Guardando a sensação compartilhada.

O barco deve escoar com firmeza,
Avante na espuma tal proeza!
Mesmo em face das dificuldades
Valoriza o leme das tuas qualidades.
Há instantes que são infinitos,
Navegador: faze-os benditos!

ANTES E DEPOIS

Eu tinha o pensamento solto,
Totalmente liberado,
Mas aí vieram os remédios
E fiquei com o pensamento ordenado.

Eu voava por galáxias impossíveis
E por ideias desmedidas,
Mas aí fiquei mais organizado,
Sacrifiquei a viagem do verbo
Pela inteireza do raciocínio.

O que ganhei ou perdi nisso
Varia nos ângulos de análise,
Não sei o que foi melhor,
Cada etapa tem a sua qualidade.

Cada etapa tem o seu trunfo,
Entre fluidez e lucidez
Toda a poética tem beleza e sabor,
E sempre fui fiel à poesia total.

EM CADA LUGAR

Em cada lugar terias uma vida
Diferente.

Já escrevi:
Qualquer lugar é um destino.

Em cada cidade,
Em cada paragem,
Farias uma trajetória distinta,
Conheceria outras pessoas
E terias experiências diversas.

A geografia influi
Nos acontecimentos.

Como saber
Onde serias mais feliz?

O ideal consistiria
Em teres a possibilidade
De habitar vários cenários,
Mas a existência é finita
E as condições para isso,
Inatingíveis.

Os quadrantes do mundo
Abrigam múltiplas paisagens
Onde tecerias
Em cada local uma vivência,
Em cada par de coordenadas
Uma história.

FOTOGRAFIA

Vejo uma fotografia
Da Praça General Osório,
Talvez de cem anos atrás:
As árvores em estatura menor,
Algumas pessoas sentadas em um banco
E um senhor a caminhar
Vestindo terno e usando chapéu.
Provavelmente se perderam
Como anônimos no tempo.
Penso na história de cada um:
Quais seriam seus costumes?
Quais seriam seus labores?
Quais as suas trajetórias
No contexto social?
Quais as suas dores e prazeres?
Eram tristes ou felizes?
Nesta abordagem transitiva,
De ver com a percepção,
Com a sensibilidade observo.
Na imagem, tais esquecidos,
Apagados no passado,
Levam à reflexão,
Suscitando muitas perguntas
E sem dar qualquer resposta
Além das frases do tempo.

DE UM AMOR FIEL

Tu que sempre foste fiel,
De uma fidelidade
Assim constante,
Parece-me que para ti
Isso era o bastante.

Contemplavas nosso amor eventual
Como se num pedestal estivesse,
Não quiseste arriscar
As imperfeições cotidianas
De um possível compromisso.

Tua devoção sensibiliza.

Bastou-te uma pequena parte
Da tua história em minha história,

Não pediste algo mais,
Não quiseste ritos de casal,
Carícias esparsas
Para ti eram suficientes.

Talvez nunca tenhas percebido
Que na rotina das minhas solidões
Plenas de amantes
Teu calor eu pedia aos horizontes.

ADEUS

No patamar da escada,
Na saída habitual da casa provisória,
Disseste-me “adeus”
Quando deverias dizer “até breve”.

Naquele momento percebi
Que não mais nos encontraríamos,
Que nossas tardes densas
Feneceriam nos próximos passos,
Que nossos corpos perderiam
Os instantes de carícia
Para se tornarem memória.

Sim, nossos corpos-memória
Agora elaboram a temática da saudade.

Assim acontece com os namorados
De passagem caprichosa,
Que se perdem a cada viagem do prazer,
Porque se equilibram na corda-bamba
Das vidas fluindo desiguais,
Destinos que não rimam
Embora a pele sobre a pele.

Adeus, ninfa da tarde,
Escorregarás para o túnel do passado,
Mas as reticências do teu sabor
Trarão à tona tua presença,
Vez por outra, feito miragem
A lembrar o enlace dos amantes.

POEMA ÀQUELA QUE CONHECEREI

Existe uma mulher algures,
Não sei de sua vida no presente,
Chegará mágica e imprevista
Com mãos de acolhimento,
Dando tonalidade ao curso dos meus dias.

Dará nitidez às cores
E ao timbre das coisas,
Vai merecer a luz
Construída a sentimento
E fará do amor físico um lugar encantado
De balsâmico suspiro.

Será amante e companheira,
Reunirá o formato geral
No resumo específico do encontro
E nunca mais haverá tempo adverso
Na alma visitada e no corpo saciado
Pela substância febril
Da paixão incontinente.

MINA

A paixão acesa em tempo recente
Agora vem arder no litoral.
Não é escolha a ligação pungente,
Aconteceu à flor dos dias,
Na quimera da noite,
Espontânea, surpreendente, natural.

A vista costeira, a melodia do mar,
Têm um sentido derramado
Que preenche e esvazia
Enquanto dói a velada emoção.

Arrisco cartas de ousadia
No feltro do jogo que consome,
Exponho em desamparo o interesse
No beijo que unificaria os oceanos,
No tato feliz a percorrer
A tua longa cabeleira.

A carta da paixão será finalmente revelada,
Iremos quebrar a espessa convenção?

Ó adorável jovem sedutora,
Não foi preciso estender o caminho
Para encontrar a fonte áurea
De tua mina tão próxima e presente
Que imprimiu desejo ao coração.

RESILIENTE

Cruzando procelas
E caminhos tempestuosos,
Em meio ao vórtice
Que suga as melhores
Possibilidades de paz,
Sigo ferrenho combatente
Pela estrada às vezes hostil.

As circunstâncias complicadas
Me fizeram resiliente.
Singrando o contexto difícil,
Aprendi a dançar
Por sobre o caos.

Instaurada a via-crúcis
Em minha vida
(E isso vem por décadas),
Quando nos separamos,
Uma joia indizível se perdeu,
Ó musa sagrada e plena.

As circunstâncias complicadas
Me fizeram resiliente.
Singrando o contexto difícil,
Aprendi a dançar
Por sobre o caos.

ABRAÇO

Pense em como seria excelso
O abraço de amor não dado:
Seria ternura no laço apertado
De quem se quer bem
E carrega suspiros pela estrada!

Ao longe, vagam incorpóreos
Sentimentos não aproximados
E como se daria profundo o encaixe
Do abraço que se trama
Com a recordação da beleza!

Falaria o silêncio do amplexo
Cheio de procura e saudade.
Na bênção do reencontro,
Se convergentes no caminho,
Dois mundos emotivos se achariam.

DIA DA PAIXÃO

Hoje é Sexta-Feira Santa,

Meu pensamento viaja
Qual fantástica pandorga,

Acende a lembrança
Das noitadas fronteiriças.

Afaga-me a saudade
De mulheres e lugares
De Livramento e Rivera.

Recordo mosaicos de vida
Perpetuados com sabor e afeto.

Qualquer que seja
A minha direção
Estou sempre em pensamento
No mapa binacional
Das cidades gêmeas.

Agora passa,
Pelas ruas silenciosas ou repletas,
Na pervagante
Aragem da Fronteira,
A referência
Das travessias que fiz
E ganharam permanência.

RESTRIÇÃO SOMÁTICA

Chegou o tempo de contagens muitas
No calendário da vida utilizada,
O corpo vai tornando-se clausura,
Privação do exercício, matéria gasta,
Forma da existência prolongada.

A bagagem de experiências é vasta,
A saúde enfim vacila.

Mas o pensamento voa livre, sublime,
Inteiro, indiferente à restrição somática,
Transita por campinas e aguadas,
Por cidades e paisagens,
Por nebulosas e estrelas pontilhadas,
Pensa o próprio corpo, pensa o pensamento,
Pensa a alma e pensa o coração.

EPÍLOGO

Tudo foi grandioso e encantador
E glorioso e espetacular
E cingido por magníficos aplausos.

Um dia a cortina se fechará
E as luzes se apagarão
E no teatro vazio só haverá o silêncio.

TODOS OS INSTANTES

Todos os instantes
Deveriam ser de orgasmo
E fruição da arte.

A vida, assim,
Seria suficiente.

Elevaríamos a inspiração,
O amor e a paixão,

E seríamos,
Em pleno êxtase,
Superiores ao tempo.

Ricardo Almeida

A SUDOESTE
DO SUL

SANT'ANA, MINHA PAIXÃO

Para Cláudia
Para minha querida Cidade

Livramento, minha consistente paixão, tenho indelével vínculo afetivo com a tua total conformação, onde quer que eu esteja, estou em ti. Terra onde minha amada veio à luz, terra onde meu ser veio à luz, terra que é berço do maior amor de todos, terra escolhida para filhos escolhidos. Quando eu repousar em teu abrigo, soprando benefícios incorpóreos, serás lugar de peregrinos na busca de uma graça benfazeja. Mas é de vida que se deve falar: foste amparo de prazer fluente no movimento meu por teu cenário, percorrendo o tempo do sabor feliz. Terra divina consagrada pelo amor! Dois filhos teus são os eleitos para firmarem o sublime neste verso: O amor e a arte são o auge do que existe.

CERRO DO CAQUEIRO

Existe uma estrada algo sinuosa, estendida sobre a linha imaginária, onde está escrito Brasil e Uruguai nos marcos brancos da Fronteira. Estrada de cima do morro, que conduz a um espaço predileto, platô do Cerro do Caqueiro, plataforma rente ao degrau do penhasco. Em noites de qualquer clima, íamos ao alto, miríades de jovens buscando os entornos da cidade para viver a vida com leda soltura. Sabíamos, o amor era o baricentro de todo o movimento então noturno, naquela oferta da negra natureza, onde se estendia a tintura da noite. Postados na borda do penedo, contemplávamos as luzes amarelas da bela geografia santanense e as brancas luzes acima do horizonte. Na amplidão, a cristaleira de estrelas expunha pulsos no código do céu, próprios do ambiente campestre, bordando uma combinação de signos. Naquele local de pedras e terra batida, circulávamos mirando desenvoltos a paisagem geral das silhuetas, apalpando o olhar no traço das imagens.

Território de nossa fase juvenil! Quantos querereres exalaram a céu livre, quantos de nós, aos casais, se amaram, quantos tecidos de nua filosofia! Sondagens diversas percorreram o amplo, em face de emoções apuradas pelo extravasar do vinho e da música, e sentidos abriram em palco bucólico. Sempre voltarei a teu platô de belezas, meu querido Cerro do Caqueiro, rebatendo na lembrança o tempo que me deste e indelével eu guardei.

CERRO DO MARCO

Mirante natural do Cerro do Marco, gramado à beira do rochedo abrupto, elevado sobre a linha imaginária, balizado por pétreos marcadores. Desnível que dá ampla visão, ríspido degrau do rochoso painel, miradouro de quem contempla e se apraz, lugar que tanto abriga namorados. Platô de lançamento do olhar entornado na forma cidadina, sobrepondo-se aos contornos das imagens, vista do alto à polis estendida. Local de encontros e vazão dos sentidos, paredão próximo ao qual são costumeiros o mate amargo e o tecido da dialética, as mãos ternas que se enlaçam. Mirante natural do Cerro do Marco, passa o tempo e as gerações o visitam com tez sentimental e tom apreciador da bela vista do desenho santanense.

ÍCONES DO PARQUE

Fonte luminosa da minha infância, das águas coloridas e dançantes, elevando um conjunto de matizes! Quantos anos faz que eu a contemplava? Agora está refeita para os visitantes do momento. Velho obelisco, feito ângulo apontado para o céu, junto ao qual se põe um pé em cada país, ficando ao mesmo tempo em território brasileiro e uruguaio! Pedra do obelisco que imanta sentimentos fronteiriços, onde se descansa para pensar e contemplar, perpassado pela linha divisória imaginária. São emblemas de Livramento-Rivera. Espaço de árvores antigas, bancos e passagens de pedra desenhada. Em tempo mais recente, foram colocadas as duas grandes bandeiras, lado a lado, a brasileira e a uruguaia, para o sentido da integração. Tudo isso são ícones do Parque Internacional, que é símbolo de uma história de harmonia e bem-querer entre os dois povos irmanados.

LARGO HUGOLINO ANDRADE

O Largo Hugolino Andrade fluente percorre também o tempo inverso, até a época do Café Tupinambá, com seus transeuntes de terno e borboleta. Pergunto ao Largo transmutado: Quantos lhe passaram pelas eras? Quantas histórias de vida trilharam suas passagens que conta o calendário? Houve o tempo das matinês empolgantes, do Cinema Internacional, do Palacinho, dos passeios dominicais por suas alas, dos namoros vários em sua esteira. Hoje o Largo sustenta novas formas e um novo fluxo de passantes, novas lojas e uma configuração atual, e toda a história pesa em seu cenário.

LINHA DIVISÓRIA

Linha divisória que tanto integra, linha imaginária que não divide, meandro limiar de Sant'Ana e Rivera, desenho gracioso que se faz borda. Das cidades que tão bem se continuam, irmãs contíguas a se prosseguirem, és símbolo glamoroso de Fronteira, ó linha invisível entre marcos espaçados. Linha de divisa que não separa, onde é possível assentar os pés magicamente postados em dois países, extensão na qual estão alas de acesso. Linha que instaura o curso sem limites, permitindo em si a ideia de infinito, és sui generis charme fronteiriço em teu formato todo peculiar. Conclamo a elevarem teu valor, em arranjos de beleza, adornos e jardins, e signos que representem o local, com paisagismo a teu traço sem igual.

RUA DOS ANDRADAS

Rua elegante de minha terra natal, terra que adoro com paixão indizível. Rua esbelta, delgada e bela, de beleza substantiva e algo hermética. Peculiaridade de uma formosura implícita, que só vê quem a percorre com amor, algo como uma pétala fechada que se abre matizada no percurso. No andar-te, passando sentimentos, tua geografia revela mais de si, ó rua dos encontros múltiplos e surgentes, rua das profusas saudações. Via de mão única quando poderia ser dupla, por isso é singular neste arranjo, ó rua dos passeios e das miradas, linha principal e espaço do gesto social. Tantas vezes já te percorri, seja quando menino de pés velozes, seja quando adolescente prospectando, seja quando adulto somando conteúdo. Vejo teus passantes de agora, teus passantes de outrora e os vindouros, no transcurso habitual de tuas alas, ó bela e estimada prenda santanense.

SARANDI

Sarandi dos olhares fluentes, das dialéticas em mesa de bar, da parrilla, do chivito, da cerveja uruguaia, da propulsão de incontáveis namoros. Coral do trânsito de carros, das lanternas qual fragmentos de fogo, indo e vindo em nupcial perspectiva, palco dos passeios refulgentes. Sarandi dos olhares fluentes, da diversão e do percurso aprazível. Quer seja dia, quer seja noite, todos a buscam para o amor e o lazer. As pessoas se enfeitam para as voltas através de seu cordão linear e mágico, e quanta poesia há superposta nos arranjos que abrigam a beleza. Rua clássica, esteira de todos os tempos, agora moderna, com as vitrines em feixes cromáticos e requintados formatos, no renovado e familiar desenho. Quantos de nós se conheceram em suas alas, e firmaram a comunhão das vidas, e estenderam descendentes que também procuram o charme de suas linhas de avenida? E assim se repete com as gerações que transitam e o ritual permanece, a bela Sarandi é curso da história de cada fronteiriço que lhe tem adorada.

A PEDRA DE BALIZA

Vejo uma fotografia de Sant'Ana, com feitiço de imagens familiares do cruzamento das ruas Tamandaré e Andradas e de parte do Palácio do Comércio. Observo um marcador de pedra que há muito tempo lá está postado, e muitas vezes me viu passar transitando e sendo integrante dessa vista. Existe a justaposição da minha história e da história de todo aquele panorama que cabe agora no retângulo da foto, mas que é imenso no tom do sentimento. Miro aquela pedra que me viu passar muitas vezes por seu entorno para buscar vinho ou passear com namoradas, e muito percorri o local agora longe. Em suma, sou paixão pela forma santanense e considero que nas linhas onde passei as pessoas continuarão passando pela pedra de baliza da saudade.

QUERIDA PRAÇA

Querida praça de nossa adolescência, banco predileto onde nos víamos à tardinha, visando o movimento iridescente das imagens feéricas que cingiam essa fase. Praça de uma etapa desprendida, onde tudo eram engendros de festins, e para onde convergíamos saudando o lustre da vida acesa na tez livre. Lembro dos mosaicos do belo quadrilátero, das aleias, do coreto, do palanque, do alto desenhado pelas árvores robustas, dos prédios imponentes que faziam vizinhança. Talvez tenhas conservado os caracteres: muito do pretérito ainda está em ti, mas estão hoje os amigos dispersados, disponível teu abrigo para o tempo atual.

PARALELOS E MERIDIANOS

Em algum lugar no mundo eu estou, como agora, num bar-restaurante de Rivera, assistindo a imagens de uma TV brasileira, qualquer lugar é um destino! Quiçá poderia estar incidente em qualquer ponto meridional, ou qualquer ponto setentrional, qualquer lugar é um destino! Quiçá poderia estar situado entre o código das diversas urbes, ou na tez das águas e campos vários, qualquer lugar é um destino! Quiçá poderia estar agora na inflexão de imagens, nas múltiplas sensações, junto a mulheres que eu adoraria, qualquer lugar é um destino! Quiçá poderia estar ainda em qualquer paragem do Ocidente, ou em qualquer paragem do Oriente, qualquer lugar é um destino! Poderia viajar milhas sem fim, ir para as mais raras estâncias, centrado em outros pulsos e rumos, qualquer lugar é um destino! Nessas variantes, as mulheres que eu conheceria seriam outras, e faria outras coisas, veria Sol e Lua em distinto curso, qualquer lugar é um destino! Porém, Amada, lá não estarias, nem eu estaria vivendo o que vivo: é impossível estar sem perder, qualquer lugar é um destino! Todo o ganhar deixa de si, tudo o que me pertence gera abandono, para partir é preciso renunciar, qualquer lugar é um destino! Os caminhos e as paisagens têm força. No andar por nuances infinitas, onde quer que se esteja, qualquer lugar é um destino!

RELATÓRIO DA FRONTEIRA

Noites fulgurantes da Fronteira: quer seja para os visitantes, quer seja para os fronteiriços, são incursão prazerosa no mapa norte/sul. Gastronomia típica local, Livramento no feitiço das iguarias, o Festival do Ovino e Vinho, a Rivera pontilhada de parrillas. Bares e restaurantes de cardápio peculiar: o pomelo, a muzzarella, o chivito, o pancho, a cerveja, o churrasco regional. O comércio que oscila nos dois lados. Sarandi da vária ignição dos namoros, como característica, os rocks argentinos a soar nas rádios e baladas. Muitos enlaces binacionais, trânsito pelas boates mais pulsantes, tempos de Bar e Noche, Leo's Pub, Calipso, Girasoles, Iguana e as casas noturnas de atualmente. Tradição de fazer compras, vitrines coloridas em arranjos, habitual passeio pelas alas da Fronteira, e nas Sextas-Feiras Santas as pandorgas pelo céu. Avenida João Goulart: entrada e saída da geografia santanense, caminho de formato singular.

Querida Livramento, espaço da minha paixão total, és a Terra Santa de tez contemporânea. Sou fronteiriço de modo constante, se me dessem o mundo todo pra nascer, eu escolheria sempre nascer em ti, Sant'Ana. Sou devoto a teus quadrantes adorados.

CLUBE CAMPESTRE

Teu porte inglês de pedras encorpadas, a íntima anatomia dos espaços, com estirpe, a imponente fachada, os campos, as áreas de lazer perfazem teu ambiente de jogos e de festas. És tu, amado Campestre, todas estas proclamações, e percorro agora o silêncio de teus salões, esteira colorida de tantos carnavais, de tantos alaridos e encontros efusivos. Vim agora te reencontrar silente, e dialogar com tua disposição calma, tu que foste êxtase de esplêndidos festejos e foste história do tecido das vidas. Enlaçaram-se em teus compartimentos pares enamorados pelo contexto encantados, e tuas dependências elevadas foram amparo poético à profusão da alegria.

Campestre da minha infância, da minha juventude! Reconheço cada linha empedernida, cada lenho de revestimento do teu ser, cada mágica vereda, cada segmento geográfico. Meus passos no salão vazio têm a superposição dos ecos da memória de tanto significado vivido em cada quadrante desta íntima paisagem.

CLUBE COMERCIAL

Não é no tempo de agora que ocorreram os grandes feitos neste lugar que despertou sensações e fez a história de diversas épocas. Este lugar já viu, em seu transcurso, toda uma sequência de vidas e costumes, e abrigou relações sociais, e susteve eventos, e casais, e biografias. Estou agora em um show de rock, nos estertores da pauta deste Clube. Todos aqui têm olhos no presente, só eu estendo olhos ao alcance do passado. Assisto a um show de rock uruguaio, e enquanto a juventude está no instante, sondo o pavimento dos salões e perfaço tudo o que já se viveu aqui. Lembro dos jantares, dos bailes, dos carnavais, todo um leque de experiências e acontecimentos, tantos sopros emotivos nos festejos, e tanta convivência no esteio destas alas. Lembro da minha adolescência: o jogo de sinuca, de pingue-pongue, de cassino, a torrada de presunto e queijo com coca-cola, nossa turma adolescente interagindo. Lembro do sarau em que cantei, magnífico, “La Cumparsita” e “El Día Que Me Quieras”, para uma plateia lotada, e lembro das namoradas de muitos carnavais. Irei, em breve, descer as escadarias, deixando para trás o evento presente, sem apagar jamais o eco indelével que constitui o tempo de todas as vivências.

A ELEITA

Lembro de tua primorosa feição, de teu desenho gracioso e sutil. Foste, entre todas, a eleita, no desfile de um concurso de beldades. Lembro de nosso passeio na Av. Sarandi, juntamente com amigos, circulando de carro e lendo Ferreira Gullar. Tinhas uma beleza ideal e jovem. Lembro de tua virgindade surpreendida pela imersão de meu ser em teu íntimo, por divina providência, imperecível, e nos ajustamos para a densidade do instante. Hoje conto um rosário de reticências do nosso amor em certo tempo abandonado, e ainda te quero e te desejo no reticente emocional sempre renovado.

OLHOS VERDES

Teus olhos verdes, gateados, que dizem argumentos insondáveis, que não dão segurança para a certeza, miraram meus olhos com paixão. Por algum tempo, foste minha no arranjo das nossas tardes indeléveis, e eu bebi, no conforto do teu corpo, o deslizar da pele no contexto feliz. Soubemos usar a nossa água nos episódios do amor corrente, misturamos nosso físico vertente no intercâmbio da umidade passional. Eu provava da felicidade líquida que o álcool tanto propicia, tu provavas o elixir do adultério, voando para além dos compromissos. É certo que a vida nos separaria e assim aconteceu com nossa direção dual, mas ainda lembro de teus olhos verdes incendiando nossas tardes com enigmas.

PARAÍSO BASTANTE

Éden, foste, de fato, paraíso bastante no período denso da fisionomia do amor. Eras a beldade à vista do prazer, eras a beleza ao culto indefinido. Pertencias a uma fileira adversa, mesmo assim nos reuniu o fado e formamos um casal inseparável no corpo e separável na alma. Lembro teu cabelo solar, lembro teus olhos, duas pérolas de céu, e a perfeita arquitetura corporal que atraíam o meu ser à tua figura. Hoje resta a saudade e a lacuna da distância, e à noite vago sedento pelos bares na busca de tua carne e tua aura, tentando ser contrário ao quanto nos perdemos.

PRINCESA DAS BORDAS DA CIDADE

Princesa das bordas da cidade, fomos casal num calendário de verão, e estavas pintada com as cores da lua certa noite tão singular e aderente. Nesse ensejo noturno, nos amamos sob o pálio de metal de um automóvel, e sob a gaze das estrelas ferventes como arranjo de um pálio superior. Tinhas crueza nos saberes, tinhas destreza no instinto, havia em ti algo de basilar e selvagem, a nudez corporal e a nudez jovial. Aceitamos o risco e o perigo de sermos incontinentes na evolução das carícias nas peles deslizantes, e adentramos os vergéis de Afrodite. Eras o ícone floral da adolescência, tua juventude tinha argumentos convincentes, eu estava imantado pelo teu formato, fomos um lascivo par à calidez da noite. Eras uma flor de natural impulso: bela, intensa e juvenil. Instauravas tua força no percurso, e continuas com a força da beleza, agora na lembrança.

TEMPO DE VENDAVAIS

Em tempo de vendavais em fúria, de vórtices vorazes dos sentidos, apareceste no halo de uma tarde com tua clássica formação feminina. Tuas linhas seduziram meu palato, e as minhas percepções confusas incidiram muitos feixes em teu corpo, no cálido abrigo do teu leito. Lembro de nossas tardes solares à beira do lago da Cidade, o símbolo do verde chimarrão, o verde natural do quadro da paisagem. Foste, de uma temporada, a rainha, foste receptiva a um turbilhão, e desfilamos companheiros pelos dias quando eu vagava revoltado no teu zênite.

ESTRELAS VERDES

És delicada como uma flor mimosa, traduzes bem a interface da Fronteira, és um tanto brasileira, um tanto uruguaia, em tua doce formação binacional. Reforçaste a admiração por Mercedes Sosa, apresentaste-me Sui Generis, León Gieco, trouxeste artistas ao meu conhecimento, tácita em ti estava a América Latina. Tinhas a rosa pudica e a inocência, mas em ritual alheio a nós desatei a cortina do teu centro, inconscientes no epílogo de tua virgindade. Hoje te vejo na Fronteira em um show de músicos uruguaios, o raio laser borda estrelas verdes em teu cabelo liso que ainda é motivo de saudade.

NOME DE ESPANHOLA

Teu denso nome de espanhola e teu corpo ágil e elegante, refinada silhueta a se mover, me fazem gozar bastante os movimentos. Costuramos as ruas empolgados, fluímos pelas casas de dança, luzimos na plataforma dos bares, nos amamos em viagens nupciais. Somos geralmente o que nos dá a noite, mas também o dia a céu aberto nos faz nubentes e hedonistas, e cortejo-te como quem celebra o prazer. Teu denso nome de espanhola é grafia do que me faz bem, e partilhamos tanta noite sensitiva, quando és a glória da experiência.

TRÊS DIAS

Fomos um casal pelo espaço de três dias. Tudo aconteceu de forma breve e tenaz, não lidamos com a continuidade, nos amamos em compasso ternário. A perspectiva de horizonte se fez fugaz, o amor possuía um terno de noites, suporte suficiente para a história, mas teor de intenções desiguais. Eu estava passando veloz pela Fronteira, tu tinhas o receptáculo da permanência, e nossa rima foi distinta no deixarmo-nos, embora o eco engastado na memória. Suprimimos temporária solidão, fomos par de uma fruição ocasional, contudo substancial para render um poema, nós que extraímos amplitude no resumo.

A MEU VIOLÃO

Velho violão de lenho vergado, és meu companheiro inseparável em todos os lugares, em todos os caminhos. Contigo entornei infindas letras e músicas. Cantar e tocar-te são atos inefáveis que lavam mesmo a alma extasiada: fazes parte da minha personalidade e desde muito eu canto os tons da vida. Em tuas cordas eu passeio acordes mágicos, notas musicais de prazer e diversão, instantes indelévels de alegria, o sabor da vivência em tua companhia. Tenho por ti consistente afeto e carinho, nas horas em que dedilho solitário ou no encontro das pessoas comigo: teu verniz se integra à minha história. Quantos eventos ao longo da estrada! Bares, festins, espaços de arte, quer seja nos palcos, quer seja em círculos íntimos, tenho vibrado em ti a felicidade soante. Violão no qual faço cantos e encantos, derramando meu timbre ao estado sensível! Há quem escute e bastante se enleve: é inerente a ti a reunião de todos. Em teu louvor explano esta simples devoção, pois tanto me viste em poesia, pois tanto me viste em melodia, agradeço-te por tantos momentos sublimes.

ANO-NOVO

Há no ar uma tensão de espera e esperança, em cada semblante está a expectativa de cruzar bem o marco divisório que baliza o Ano-Novo e o ano velho. É fim de tarde e faz um calor aprazível, as pessoas da vizinhança passeiam cores, transitam efusivas e sensíveis ao vindouro, já estouram alguns fogos de artifício. Há, em cada rosto, a promessa de um período de porvir mais generoso, onde a saudação de felicidade se complete com a confirmação de saúde e vida próspera. E o amor a ser encontrado ou ser mantido estará nos votos de todos os abraços, quando a meia-noite trouxer o minuto zero, e as emoções trouxerem o estado de graça. Vejo o movimento da rua densa de passantes: o espírito geral é de incidência nas festas, data que todos comemoram ou se avaliam, e sobretudo projetam a senda do amanhã. Faço aniversário neste calendário primeiro em que os gestos pedem o tom fraterno, e a rua é um alarido contagiante, e paira no ar tenso a celebração desejada.

CÁLIDAS NOITES

Em cálidas noites de janeiro, no alto do quadrilátero do terraço da querida casa da rua Alcides Maya, posto-me receptivo às sensações. O tempo já se transmuta em madrugada, as cercanias estão quietas, a brisa traz um calor macio, no ar recendem as flores do jasmim. O aroma do jasmineiro é doce, parece-me que ocupam o céu enorme as mesmas estrelas que o menino contemplava na velha rua Vasco Alves. Vejo a fidelidade das Três-Marias e outros desenhos estelares conhecidos, olho em torno as silhuetas mais poéticas quanto mais silentes. Nas circunstâncias do estético cenário, este é um espaço de pensar. Crescem as lembranças de uma vida, cresce a imaginação do porvir e dos mistérios. Fico a espargir sensações diversas, os sentidos estão líquidos, fluentes, e vou sorvendo goles de cristal, com o corpo amplo em pensamentos. Aqui tanto toquei meu violão, aqui tantas moças namorei, fiz um presente que constrói saudade, mirei muitas paisagens na mesma vista. Teço alguns meandros filosóficos em face do véu noturno e do silêncio, e, no instante pleno de poesia, penso no elo do amor e da ventura.

JUNTO À DANÇA VÁRIA DO FOGO

Junto à dança vária do fogo, vejo mechas de um arranjo incandescente. Fico à beira da lareira tez de bronze, rente ao movimento das flamas dançarinas. Na temporada de áspero inverno, cuja bruma embaça a vidraria, aqueço-me neste recanto da sala superior, distante da friagem do relento. Neste templo de inspiração artística, toco violão e canto aconchegado ao braseiro de formatos pulsantes, e escrevo miríades poéticas. Ouço música e bebo meu vinho, entre quadros de bronze e de madeira, tendo à esquerda a estante de livros, vivendo este lugar de significado prazeroso. Junto à dança vária do fogo, escrevo literatura, canto e componho canções, dando vazão a meu ser sensível, vivendo este lugar sagrado e transcendente.

ENTARDECER

Naquele entardecer, quando voltávamos de festa campestre em uma estância, em meio à paisagem estendida do Pampa, vínhamos incidentes em frêmito coletivo. A estrada sinuosa engastada de balastro flexionava uma curva e ali paramos junto à cacimba do riacho, junto à cerca que trespassava o córrego. Paramos rente à água por algum motivo, propagando ainda um rescaldo de diversão, inebriados do significado que leva ao desejo de ser par, colhendo os últimos impulsos da reunião. O ar não estava mais tão túbio, havia uma brisa roçando leve que precedia a umidade do sereno, tudo estava mágico na verde cercania. Aquele entardecer tinha um discurso, queria se pronunciar, dizer algo, tinha uma mensagem peculiar, como peculiar é a Fronteira. O poente queria se manifestar, as cores estavam tensas, havia uma pungência cromática, algo que explanava o tom dos pensamentos. Naquele entardecer de horizonte singular, eu sentia como alguém que precisava completar-se no amor, sensível às providências amorosas de Afrodite.

ESTÉTICA LIGEIRA

Numa conclusão de viagem, nos arredores do formato de Sant'Ana, postada absoluta, em final de ciclo, está a Lua em oca-so de compasso. Quase abandonando a visão espacial, um quase nada acima do horizonte, faz-se circunferência de ímã, soberana, e tímida, e dourada, e plena. Em alguns minutos estará oculta, eclipse astral à linha da Terra, encoberta pela silhueta terrena no cenário deste ângulo de vista. Consiste na tensão do espanto, consiste em estética ligeira, pois é beleza no limiar do abismo, na borda da queda iminente. Esfera de áurea maravilha é gema que se despede com feitiço, suspensa no ar, e cheia, e magnética, agora inclusa no formato da retina.

O MENINO E A PANDORGA

No feriado de Sexta-Feira Santa, em Sant'Ana do Livramento, a sudoeste do Sul, o menino preparava a sua pandorga, para erguê-la aos ventos do Pampa. As composições feéricas e volantes tinham varetas de taquara, papel encerado e barbante, perfazendo diversas geometrias, remontadas ao sopro dos céus. Na data, o menino já despertava encantado, e, com o esteio familiar, seguia ao Cerro do Marco do Lopes para soltar movimentos lúdicos no ar. Em meio à verdura do local, a paisagem magnífica cobria-se de voos, bordando o pano da moldura celestial, em face de alaridos jubilosos sobre a relva. Lembro, de forma consistente, da paisagem e dos costumes daquela tenra idade, que o calendário em ritos anotava, e continuo soltando no espaço os meus impulsos.

VISÃO A SUDOESTE

Lembro com significativa saudade dos ambientes todos do teu ser, Sant'Ana, charmosa prenda fronteiriça, onde fiz história de ventura e prazer. Querida e ímpar Livramento, graciosa urbe do Pampa sulino, és véu de Santa Singular, és pele de Ana Bela, disposta entre o sagrado e a graça feminil. Minha querida Sant'Ana do Livramento! Já outras vezes experimentei cantar-te, mas sem dizer o ideal a teu culto, apenas esboçando a lindeza dos teus signos. Agora prossigo nos versos que te buscam, lembrando o poente na direção oeste, um tanto ao Sul, apontando a plaga onde te situas, ó princesa da minha paixão. Foste ambiente de incursões hedonistas, espaço cidadão que tanto percorri em cruciais passos que guardei, juntando minha cútis a teu revestimento. Fomos nosso corpo em forma de centelha, com tanta alma vazada e compartilhada: em teu leito fui feliz em todas as idades e continuo sendo em todos os tempos. As tardes esportivas no Campestre, os namoros em lugares infinitos, o lazer, as noites de proveito na contígua Sarandi, o teor vivido no amparo dos festejos. Se estes versos não foram suficientes para dizer bem o quanto representas, fica esta uma carta de saudade ao tempo santanense de prazer superlativo.

SOBRE O AUTOR

Ricardo José de Souza Almeida nasceu em Sant’Ana do Livramento /RS, em 1962. É poeta, cantor, compositor, escritor, roteirista de cinema e engenheiro civil graduado pela UFRGS.

A partir de 1991, passou a escrever para jornais. Em 1993, publicou *Trança de Passamanes*, pela Grafos. Foi nascente e membro-fundador da Academia Santanense de Letras, que em 1995 teve o ato de sua fundação. Em 2003, publicou *A Miragem e os Argos*, pela Movimento. Em 2005, lançou o CD “AMORTOTAL”, gravado no Estúdio Rastros. Em 2009, concluiu, com nota máxima, Pós-Graduação em Literatura Brasileira pela UFRGS. Em 2010, publicou *Estação Hipnose*, pela Alcance. Lançou o CD “Onírico e Real”, gravado no Estúdio Rastros. Em 2011, publicou *Sonetos de Nuance Livre*, pela Alcance. Conquistou duas Menções Honrosas no Prêmio Lila Ripoll de Poesia – edição 2011, promovido pela Assembleia Legislativa do RGS, pelos seus poemas “Limbo” e “Louvação”.

Em 2012, foi um dos três premiados no Concurso Cultural “Porto Alegre, Meu Lugar”, promovido pelo Correio do Povo, com apoio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Teve seu poema *O Apanhador de Flores* selecionado no Concurso Histórias de Trabalho 2012, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Em 2013, publicou *A Textura das Nascentes*, pela Alcance. Escreveu a sinopse do filme *Estação Hipnose* e concluiu o argumento *Estação Hipnose – Episódios*. Teve a crônica de sua autoria “Almoçando com Afrodite” selecionada no Concurso Histórias de Trabalho. Teve sua música “Retratos do Guaíba” premiada com o 1º lugar na categoria “Cultura, Arte e Espiritualidade”, na VIII Mostra de Trabalhos do Lago Guaíba, organizada pela UFRGS e pelo Comitê do Lago Guaíba. Em 2014, lançou o CD “Claves de Música Nua”, gravado no Estúdio Musique. Em 2015, publicou *A Semântica da Pétala*, pela Alcance. Foi premiado com menção honrosa no Concurso Valor Literário, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Sant’Ana do Livramento por sua crônica “Pequeno Ensaio sobre o Poder”.

Em 2016, foi um dos selecionados no VI Concurso Nacional de Pintura, Poesia e Desenho Arte de Viver, realizado pelo Ministério da Cultura, através da Lei de Incentivo à Cultura, com seu poema “Altar da Floresta”. Lançou, em meio digital, o volume de textos “Conjecturas 2”. Lançou, em meio digital, o volume de textos “Conjecturas 3”. Com seu poema “A Nuvem”, conquistou o 3º lugar no Prêmio Lila Ripoll de Poesia 2016, promovido pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Seu poema “Epílogo” foi um dos selecionados no Concurso Poemas no Ônibus e no Trem 2016, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre. Em 2017, lançou, em meio digital, o CD “O Tecido Versátil”. Em 2018, lançou, em meio digital, o volume de textos “Conjecturas 4”. Em 2019, publica os livros *A Consistência do Verbo* e *A Sudoeste do Sul*, pela Movimento.

Tem sido premiado em diversos concursos literários. Escreve diariamente textos breves denominados “Boletins”. Apresenta-se em bares e espaços culturais cantando e tocando violão. Já compôs mais de 700 melodias e colocou letra em mais de 200 delas. Está escrevendo o volume de textos “Conjecturas 5”. Como engenheiro civil exerce suas atividades profissionais na Corsan, em Porto Alegre, onde reside.

Este livro foi composto por Sulbrasileira e impresso por Gráfica Evangraf, para a Movimento, em agosto de 2019, no LI ano de sua fundação. 718 / 2019